

O encapsulamento por meio de um cobertor tecnológico¹

Encapsulation through a technological blanket

Milton Jeronimides*

Resumo

O estudo analisa o processo psicanalítico de Laura², uma adolescente com agorafobia e sintomas somáticos, cuja vida estava restrita ao quarto, imersa em filmes e jogos como forma de isolamento. A terapia utilizou rêveries e discussões sobre filmes, como *A Fome de Viver* e *Os Substitutos*, para criar uma conexão emocional e romper o isolamento. Esses filmes atuavam como mecanismos de defesa, relacionados à “posição autista-contígua” descrita por Thomas Ogden, estado em que o indivíduo depende de experiências sensoriais e carece de limites claros entre o self e o mundo externo. O estudo destaca como os filmes e jogos funcionavam como extensões do self de Laura, refletindo sua organização psicológica primitiva.

Palavras-chave: Identificação projetiva. *Rêverie*. Posição autista-contígua. Conversas sonhantes. Conversas aparentemente não analíticas.

Abstract

This study analyzes the psychoanalytic process of Laura, a teenager with agoraphobia and somatic symptoms, whose life was confined to her room, immersed in movies and games as a form of isolation. Therapy incorporated rêveries and discussions about movie pictures, such as The Hunger and Surrogates, to establish an emotional connection and break the cycle of isolation. These movie pictures functioned as defense mechanisms, linked to the “autistic-contiguous position” described by Thomas Ogden, a state in which an individual relies on sensory experiences and lacks

1. Trago uma vinheta que consiste em uma narrativa “disfarçada”, proveniente de uma paciente fictícia, mas construída a partir de dados reais e em que alterações foram usadas para impedir o reconhecimento da pessoa em questão de modo a evidenciar o uso de alguns dos conceitos psicanalíticos de Thomas Ogden.

* Psicanalista, artista plástico e engenheiro eletrônico. Formado em Engenharia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e em Psicologia pela Faculdade Metropolitana de São Paulo. Doutorando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-graduação lato sensu em Teoria Psicanalítica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da Computação pela Faculdade Manhattan College - Nova Iorque, EUA. São Paulo, SP, Brasil. mjeronimides@gmail.com

2. Nome fictício.

clear boundaries between the self and the external world. The study highlights how movies and games served as extensions of the self, reflecting her primitive psychological organization.

Keywords: *Projective identification. Rêverie. Autistic-contiguous position. Dreaming dialogues. Seemingly non-analytic conversations.*

Introdução

Sentado com ar desamparado no consultório da médica Sarah Robert, John Blaykic esperava com grande ansiedade ser atendido por ela. Certamente, ele contava que ela poderia ajudá-lo a viver.

Subitamente, retornei de meu devaneio com o filme *Fome de viver*³ para a sala de análise e senti prementemente a necessidade de lhe oferecer algo que a pudesse vitalizar. Sentada de maneira idêntica a John Blaykic, Laura me observava com um olhar perdido, desamparado e solitário.

Jovem adolescente, Laura viera para sua primeira sessão de análise remota mostrando-se disponível para o nosso encontro. Durante todo o tempo da sessão, ela falava de cinema e dos jogos eletrônicos que costumava jogar. A paciente apresentava uma aparência tranquila, mesmo ao relatar as razões que a haviam trazido para a análise: suas somatizações constituídas de dor de barriga, diarreia e um certo pânico, provavelmente uma agorafobia. Como resultado dessas somatizações, há muitos anos Laura não saía de sua casa, permanecendo horas contínuas em seu quarto por trás da tela do computador.

Extremamente apaixonada por cinema, Laura relatava os diversos filmes de que gostava; entre estes estavam — principalmente — *O Iluminado*⁴, *Janela indiscreta*⁵, *Psicose*⁶ e *Parasita*⁷. Laura gostava em particular de filmes imprevisíveis, que a surpreendiam ao final. Apesar de gostar dos clássicos, a temática da morte e de terror era predominante em suas escolhas, tanto de filmes quanto de jogos eletrônicos. Mais tarde, vim a refletir e compreender a importância dos títulos e dos enredos de cada um dos filmes apresentados pela paciente.

Durante o primeiro ano de análise, percebi uma forte compulsão à repetição nas narrativas de filmes de terror e suspense, de vampiros, zumbis e, especialmente, de mortos-vivos. Em muitos momentos, Laura parecia representar o próprio morto-vivo, um zumbi, um retrato de sua situação psíquica. Os sentimentos de apatia e tédio a acompanhavam, predominando na maioria das sessões.

3. *Fome de viver* é um filme britânico de 1983 dos gêneros terror e suspense. Diretor: Tony Scott.

4. *O Iluminado* é um filme de suspense baseado no livro homônimo de Stephen King. Dirigido por Stanley Kubrick, em 1980.

5. *Janela indiscreta*, de 1954, explora o suspense a partir de uma ideia simples: um fotógrafo que, por questões de saúde, tem de ficar confinado em casa. Diretor: Alfred Hitchcock.

6. *Psicose* é uma adaptação de um livro homônimo, escrito por Robert Bloch (escritor americano de histórias de terror), 1960. Diretor: Alfred Hitchcock.

7. *Parasita* é um filme sul-coreano de *thriller*, drama e comédia, dirigido por Bong Joon-ho. Lançado em 2019.

O silêncio entre nós sempre tendia a aumentar, notadamente quando eu fazia perguntas diretas e particulares sobre a vida de Laura; nestas ocasiões, das sessões emergiam momentos apáticos, tediosos e perturbadores. Porém, quando Laura se dispunha a discorrer sobre seus filmes e jogos, o silêncio decrescia sensivelmente, sua voz se tornava presente, forte e cheia de uma energia vitalizadora. Por meio de uma eloquência em sua fala, Laura demonstrava estar viva.

Numa sessão, os estados desvitalizados da paciente geraram-me, como *rêverie*, a lembrança de um filme a que assistira há muitos anos, *Fome de viver*. O filme narra a história de uma vampira que consegue se manter viva e bela através dos séculos com o sangue dos seus amantes. Em retribuição, os jovens e as moças que se envolvem com ela não envelhecem. Apresentei o filme para Laura, e esta levou algumas semanas para assistir. Cheguei a questionar se, na minha fantasia inconsciente, o sangue no filme representava o mecanismo de vitalização que eu buscava para Laura.

A paciente continuava sua vida isolada sempre fazendo tudo pelo computador, apresentando uma vida totalmente virtual. Era como se Laura estivesse encapsulada pelos filmes e jogos, provavelmente uma necessidade de proteção. Em diversos momentos das sessões, bastava eu ouvir os títulos dos filmes mencionados por Laura para sentir e pressentir uma apatia, um tédio perturbador e uma falta de esperança.

Após alguns meses, Laura comenta numa sessão ter assistido ao filme *Fome de viver*. A partir do retorno de Laura, desencadeia-se em mim uma segunda lembrança de outro filme, *Os substitutos*⁸. Neste filme, grande parte da população usa androides substitutos, que cumprem todos os afazeres do dia a dia e permitem que seus donos jamais tenham que sair de casa. E resolvi sugerir o filme para Laura. Ela assiste ao filme imediatamente.

Não pude conter minha surpresa e felicidade ao perceber o estabelecimento de um idioma entre nós. O filme, *Os substitutos*, parecia retratar minuciosamente o comportamento da vida de Laura, e com isto começaram a surgir relações e discussões entre os filmes trazidos pela dupla analítica. Em outra sessão, mais à frente, Laura traz um filme que me deixa bastante intrigado, *O sétimo selo*⁹. Laura começa a falar sobre o jogo de xadrez relacionado à morte presente no filme.

8. *Os substitutos* é um filme dirigido por Jonathan Mostow de 2009. A história se passa em 2054.

9. *O sétimo selo* é uma obra-prima cinematográfica de 1957 do diretor e roteirista sueco Ingmar Bergman.

Por meio dos filmes e jogos, aconteceu o início de um processo de desencapsulamento da paciente, permitindo-me aproximar-me dela. Passou a existir uma singela mediação e interpretação nas falas de Laura. Iniciávamos os primeiros passos no compartilhar de uma experiência emocional.

Filmes e jogos compunham uma defesa, um cobertor tecnológico.

O pensamento clínico

Nesta vinheta clínica, denominada “cobertor tecnológico”, é possível observar o papel funcional de uma mídia tecnológica ao encobrir a dificuldade no acesso direto ao paciente. Foi somente após algum tempo que pude identificar no comportamento de Laura, isto é, no cobertor tecnológico, uma provável relação de seu sintoma à posição autista-contígua¹⁰ de Thomas Ogden.

Depois de alguns meses de análise, também fui me conscientizando de que os processos transferenciais e contratransferenciais eram significativos e defensivos na geração de emoções vitalizantes durante nossos encontros analíticos e na elaboração das *rêveries*, especialmente na associada ao filme *Fome de viver*. Na primeira *rêverie*, a lembrança desse filme já despontava a necessidade de um processo de vitalização neste caso clínico. Ali, percebi claramente que Laura buscava em seu ser uma revigoração.

No decorrer do processo psicanalítico, pude elaborar um pensamento clínico fundamentado na matriz transferencial-contratransferencial¹¹ — o encapsular de Laura estava associado à posição autista-contígua. A matriz atuava em parceria ao trabalho de elaboração de *rêveries* — eram os elementos de uma bússola orientadora no processo psicanalítico. Na *rêverie Fome de viver* senti o despontar de minha intuição, acompanhada por um suspiro no meu ouvido: “o sangue vitalizador para um vampiro”.

10. Posição autista-contígua é um dos estados na matriz transferencial-contratransferencial de Ogden (1994).

11. Ogden define o conceito matriz transferencial-contratransferencial sobre três posições em que o paciente pode se encontrar psicologicamente: posição autista-contígua, esquizoparanoide e depressiva. Este conceito pode ser encontrado em detalhes no livro *Sujeitos de análise* (OGDEN, 1994).

Posição autista-contígua

“A posição autista-contígua está associada ao modo mais primitivo de atribuir sentido à experiência. Trata-se de uma organização psicológica na qual a experiência do *self* é baseada na ordenação da experiência sensorial, particularmente, a sensação na superfície da pele” (OGDEN, 1994/2019, p. 140, tradução nossa). Coelho Junior (2020) destaca que o nome duplo deste estado da matriz descreve tanto o tipo da organização psicológica – contígua – quanto o mecanismo de defesa – autista.

Os indivíduos situados no estado autista-contíguo se caracterizam por uma forma idiossincrática de relação com o mundo e tendem a experimentar os objetos e as pessoas como extensões de si mesmos, sem uma fronteira clara entre o seu *self* e o objeto. Concomitantemente, eles não constituem vínculos emocionais significativos com os outros e podem se sentir desconectados e isolados do mundo exterior (OGDEN, 1994/2019).

No estado autista-contíguo, por exemplo, é possível observar um contato visual obstinado, uma fala contínua e inabalável e um “enrolar-se compulsivamente” com várias camadas de roupas. Isso fica mais aparente nos casos clínicos de Ogden (1994/2019).

Ogden recorre ao trabalho de Tustin (1984), em que “o ponto central é que, em experiências muito primitivas, o bebê tenderia a viver os objetos como sensações e não como coisas e neste caso formas ‘autísticas’ são formas ‘sentidas’ [...]” (COELHO JUNIOR, 2012/2023, p. 52). Portanto, nos processos transferenciais-contratransferenciais encontram-se, além dos objetos parciais e totais, objetos sem forma e certos comportamentos específicos. Entre os objetos sem forma, por exemplo, estão a urina, as fezes e a saliva, funcionando como importantes mecanismos de defesa. Destaco que este comportamento não foi observado na paciente aqui descrita.

Entre outras formas de defesa, estão também os comportamentos específicos, isto é, o modo de falar, de olhar, estilos de agir e, em particular, “o processo de ruminação, forma de atividade mental que pode ser invocada como defesa, um meio sensorial, que consiste no encapsulamento do sujeito, ficando este imerso no seu mundo privado” (OGDEN, 1994/2019, p. 175, tradução nossa).

Para Ogden (1994/2019), o isolamento primitivo, isto é, a posição autista-contígua representa uma sensação de insulação, que serve para proteger o indivíduo contra a tensão contínua das relações objetais humanas. Nas palavras do autor: “O tipo de isolamento que tenho em mente não é uma forma de

morte psicológica. [...] O que estou tentando descrever é uma suspensão da vida no mundo dos vivos e a substituição desse mundo por um mundo autônomo de ‘relações’ com sensações ‘perfeitas’” (OGDEN, 1994/2019, p. 178, tradução nossa).

Segundo Thomas Ogden, “quando chegamos na borda da experiência primitiva, arcaica, o mundo é experimentado em um modo autista-contíguo, isto é, a experiência é dominada pela sensação e as emoções são experimentadas concretamente” (BERGSTEIN, 2019, p. 132, tradução nossa). Todavia, Bergstein relaciona a experiência primitiva e arcaica, de Ogden, a um amor primitivo — “o amor primitivo é expresso por meio de uma adesividade corporal, sem capacidade de identificar a introjeção do objeto amado. O amor é degradado em sensações físicas” (2019, p. 132, tradução nossa).

No estado autista-contíguo, o sujeito tende a experimentar os objetos e as pessoas como extensões de si mesmos, sem uma fronteira clara, não constituindo vínculos emocionais significativos com os outros e podendo se sentir desconectados e isolados do mundo exterior. Parecia que tanto os filmes quanto os jogos encapsulavam a paciente num mundo fechado, funcionando como extensões de Laura. Os filmes representavam membros de seu corpo; os jogos, partes de sua mente.

*A rêverie*¹²

A *rêverie* é constituída por um caráter elusivo, lacônico e enigmático, tendo sido apresentada para o mundo psicanalítico pela primeira vez nas fontes originárias dos dois textos de Wilfred Bion (1962, 1967), publicados em suas obras *Aprender a partir da experiência* e *A teoria do pensar*.

Para Ogden, os estados de *rêverie*, também conhecidos como devaneios, são muito úteis no processo psicanalítico. Diferentemente do pensamento de Bion, Ogden entende que estes estados podem ser sobrepostos tanto aos devaneios oriundos do analista quanto aos do analisando. A *rêverie* é uma experiência que trafega entre os mundos intrassubjetivo e intersubjetivo, “por meio de formas particulares e mundanas” (OGDEN, 1997/2013, p. 145).

12. Sob a ótica de Ogden, a *rêverie* é constituída dos fatos que ocorrem na vida durante o dia e a noite, sendo reconhecida pelas ruminções, fantasias, sensações corporais, percepções fugazes, imagens provenientes dos sonhos, melodias e frases que atravessam a mente do analista durante as sessões analíticas (OGDEN, 1995/2013).

Devido a essa complexidade destacada por Ogden, as interpretações dos conteúdos afetivos ou ideativos das *rêveries* devem ser feitas com bastante cuidado e no seu devido tempo, pois análises rápidas tendem a ser superficiais, perdendo a eficácia e o valor. O processo de interpretação deve ser realizado com pausas, necessitando de um amadurecimento. Haverá ocasiões em que o analista deverá permitir suspensões do processo interpretativo durante a sessão e, em alguns casos, entre sessões.

Durante as sessões de análise, Ogden admite a presença de distúrbios emocionais, devaneios, ruminações, sensações corporais, pensamentos privados, interferências, percepções fugazes, imagens, preocupações, fadiga, imaturidade e conflitos emocionais não resolvidos – todos estes elementos relativos ao analista. Alerta ainda que cada acontecimento na vida do analista, como uma doença de um familiar, pode ser contextualizado diferentemente pela experiência do analista com cada paciente, resultando em um “objeto analítico”¹³. Assim, as experiências emocionais entre dois pacientes podem variar, por exemplo, entre um sentimento de desamparo, objeto analítico um (1), e um de inveja, objeto analítico dois (2). Para Ogden, a *rêverie* é uma bússola emocional preciosa no trabalho psicológico inconsciente.

Ogden também propõe mais uma ampliação do conceito de *rêverie*, admitindo a possibilidade de uma sobreposição das *rêveries* do analista e do analisando. Isso corrobora para um forte crescimento emocional na dupla analítica. Devido a este complexo aumento emocional, provavelmente oriundo das identificações projetivas (agora uma soma delas, provenientes de cada um dos participantes), acarreta a necessidade de uma maior habilidade interpretativa e emocional do analista.

Na segunda *rêverie*, minha lembrança do filme *Os Substitutos*, ficou claro para mim que Laura não tinha corpo nem mente claramente constituídos. Portanto, não tinha desejo. Vivía num mundo apassivado.

É possível observar no caso clínico que as *rêveries* do analista desencadeavam *rêveries* no analisando e vice-versa. As emoções trafegavam por meio da matriz transferencial-contratransferencial. Ou seja, o par transferencial-contratransferencial era o motor propulsor na geração de *rêveries* na díade analítica.

13. Objeto analítico sob a ótica de André Green: “Afim das contas, o verdadeiro objeto analítico não estaria nem do lado do paciente, nem do lado do analista, mas na reunião desses dois discursos, no espaço potencial que se encontra entre eles, limitado pelo enquadre que se quebra e reconstitui a cada reunião”. Na clínica de Ogden, podemos observar o emprego deste conceito de Green (GREEN, 1990/2017, p. 90).

Conversas aparentemente não analíticas

Depois de anos de trabalho analítico com vários pacientes, Ogden percebeu, sem uma intenção consciente, ser envolvido em conversas aparentemente “não analíticas” com esses analisandos, conversas entrelaçadas sobre romances, ficções, peças teatrais, exposições de arte, política e assim por diante. Ogden compreendeu que muitas dessas conversas constituíam uma forma de sonho acordado e passou a denominá-las conversas sonhantes¹⁴ “*talking-as-dreaming*” (OGDEN, 2009, p. 6).

Nas palavras de Thomas Ogden sobre “conversas sonhantes”:

O que torna conversas sonhantes diferente é que o analista envolvido nesta forma de conversação está continuamente observando e falando consigo mesmo sobre dois níveis inextricavelmente entrelaçados desta experiência emocional: primeiro, conversa-enquanto-sonha como uma experiência do paciente que surge no processo de sonhar sua experiência emocional vivida; e segundo, o analista e o paciente pensando e, às vezes, falando sobre a experiência de compreender (conhecer) algo dos significados da situação emocional enfrentada no processo de sonhar (OGDEN, 2009, p. 15, tradução nossa).

Estas conversas tendiam a ser pouco estruturadas, “marcadas por misturas de pensamento processual primário e secundário e repletas de aparentes inconsistências (*non-sequitur*)” (OGDEN, 2009, p. 15). Conversas sonhantes pareceram ser superficialmente não analíticas, mas, gradualmente a seu ver, representaram uma conquista significativa, na medida em que muitas vezes era a primeira forma de conversação estabelecida no processo analítico que parecia real e cheia de vida para os pacientes e para o próprio Ogden. Era a redescoberta de uma psicanálise singular!

Conversas sonhantes serviram como experiência essencial, consentindo ao paciente o processo de sonhar sua própria experiência emocional. Tanto analista quanto paciente pensam e, às vezes, dialogam sobre a experiência de compreender (conhecer) algo dos significados da situação emocional enfrentada por meio do processo de sonhar. “Estes pacientes experimentavam uma maior capacidade de sonhar e de pensar falando sobre seus sonhos, era a experiência de acordar para si mesmos” (OGDEN, 2009, p. 7, tradução nossa). Na

14. Conversas sonhantes – “*talking-as-dreaming*”, tradução de Tânia Zalcborg, *Recuperando a vida não vivida – Reclaiming Unlived Lives* – Thomas Ogden.

descoberta das conversas sonhantes, analista e analisandos estavam redescobrimo o sonhar e a associação livre (OGDEN, 2009, p. 7).

Tal como a associação livre é antagônica à conversação normal, “conversas sonhantes” tendem a incluir um pensamento de processo primário, *non-sequitur* (da perspectiva do pensamento de processo secundário)” (OGDEN, 2009, p. 14, tradução nossa).

Conversas aparentemente não analíticas entre a díade analítica abrem uma nova perspectiva na psicanálise clínica contemporânea, ao envolverem obras literárias, filmes, músicas, fotos, imagens e outros objetos escolhidos de forma fortuita para o consciente, mas provavelmente nem tão acidental para o inconsciente. Essas conversas emergindo no campo analítico, na intersubjetividade entre analista e analisando, passam a tangenciar a funcionalidade de um sonhar acordado.

Lembro-me de nossas conversas aparentemente não analíticas; eram as conversas sonhantes. Laura falava muito sobre sua coleção de revistas, e uma de suas prediletas era a *Sandman*¹⁵, que retrata distintas histórias, sendo uma delas a história sobre os Perpétuos (“*Endless*”¹⁶), uma família de seres mitológicos. Entre estes seres estavam a Morte, o Delírio, o Desejo, o Desespero, o Destino, a Destruição e o Sonho. Sonhávamos enquanto falávamos de cada um dos personagens dos Perpétuos e, simultaneamente, transitávamos pelas emoções despertadas por cada um deles. Todos estes personagens criados são oriundos de diversas mitologias. Gaiman constrói um amálgama de mitos, algo similar aos mitos mencionados no decorrer desta pesquisa. Vale ressaltar que *Sandman* é o homem de areia, uma alusão ao personagem que jogava areia nos olhos das crianças para que estas pudessem sonhar. Percebi que buscávamos no *setting* “grãos de areia” para que pudséssemos sonhar. Aqui, nesta coleção de revistas, Gaiman, por meio de *Sandman*, permite que crianças e adultos sonhem acordados.

Durante o percorrer de suas revistas, a voz dela ficava mais forte, expressava emoções alegres constituídas de sorrisos; ela estava aqui comigo. Ao mesmo tempo, pensamentos sobre aceitação e rejeição do outro pairavam o tempo

15. “*Sandman*”, de Neil Gaiman, é um dos quadrinhos mais aclamados de todos os tempos. A série original teve 75 edições entre 1989 e 1996, desembarcou na lista de mais vendidos do *New York Times* e ainda hoje é considerada uma das maiores obras já publicadas. Neil Gaiman é um autor britânico de contos, romances e roteiros.

16. “*Endless*” – os Perpétuos – uma família de seres que aparece na revista em quadrinhos deste escritor. Na língua inglesa, são os sete “d” – “*death, delirium, desire, despair, destiny, destruction and dream*” – Os perpétuos são encontrados na revista *Sandman* v. II, de Neil Gaiman.

todo em mim. Pensamentos de como o “ser aceito” é importante para o indivíduo. Ou de como rejeitamos os outros de formas inconscientes. Como evitar que meu inconsciente rejeite o inconsciente do outro? Agora, sonhávamos juntos, e eu me divertia com ela. As sessões eram um aprendizado para mim: fui conhecendo-a e com ela conhecendo partes do mundo desconhecidas para mim. E ela foi vendo que o seu mundo era interessante para os outros. Estávamos juntos consciente e inconscientemente.

A paciente iniciara o processo psicanalítico sob uma predominância no modo autista-contíguo, e, no decorrer dos anos, a posição depressiva começava a alternar com a autista-contígua, assumindo a predominância no seu estado psicológico, possibilitando uma genuína e despretensiosa mediação e interpretação de nossas conversas.

O percorrer de nossos sonhos, realizado por meio das histórias de suas revistas e super-heróis, possibilitou paulatinamente que processos primários fossem assumindo uma predominância sobre os processos secundários, abrindo espaço para o trânsito de processos terciários, donde despontavam *rêveries*, pensamentos oníricos emergindo por meio da membrana porosa situada entre consciente e o inconsciente, entre o acordado e o dormindo — era o verdadeiro sonhar.

Fui percebendo então nela um movimento gradual para uma posição predominantemente depressiva. Seu mundo anterior, predominantemente autista-contíguo, era composto da extensão de seu quarto, de seus bonecos de super-heróis e da leitura encapsulada ao ouvir simultaneamente música.

Nas sessões on-line, só no áudio, a minha voz representou para ela um objeto não intrusivo. A voz passou a participar de sua vida; compartilhava um espaço secreto com as suas próprias vozes delirantes, sem expulsá-las; porém, paulatinamente, abafando-as.

A voz, não intrusiva, me permitiu vivenciar e experienciar os pensamentos e sentimentos dela. Ela foi se posicionando nas sessões sem imagem, já que, naquele momento, um simples olhar ainda seria muito intrusivo, porém, nas sessões presenciais, pude sentir seus olhos nos meus.

O papel da voz foi essencial — no trabalhar em parceria com as vozes delirantes, os delírios de sua mente foram gradualmente esmorecendo, delírios que ressoavam e se comunicavam com o personagem *Delírio* dos sete Perpetuos. O falar sonhando.

Minha voz, progressivamente, foi assumindo uma predominância sobre as suas vozes delirantes, permitindo ao analisando sonhar, cada vez mais, em parceria comigo por meio das conversas aparentemente não analíticas (OG-

DEN, 2022). Conversas aparentemente não analíticas eram conversas sonhantes, perpetuavam uma relação entre nós dois. Despontava uma singela liberdade para que ela pudesse ser autenticamente ela mesma.

Quando, em determinada sessão, Laura trouxe uma lembrança do filme *O sétimo selo*, tratava-se de uma recordação dela, uma *rêverie* oriunda da analisanda. Percebi que não despontavam só as minhas *rêveries* no *setting*, mas de Laura; isto é, no espaço compartilhado pela dupla analista-analisando, surgia “um diálogo analítico constituído de *rêveries* sobre *rêveries*” (OGDEN, 1996/2013, p. 103).

Após assistir ao filme *O sétimo selo*, conjecturei se o jogar para Laura significava um dos elementos possíveis para mantê-la viva. Provavelmente um processo de vitalização? Jogar era o próprio beber sangue necessário para um vampiro? Presumi que a vitalização, para ela, era constituída na importância do jogar, especialmente na presença do outro, em que as emoções do outro pudessem ser compartilhadas com ela.

No decorrer do processo, o diálogo entre nós foi adquirindo uma linguagem de alcance psicanalítico conforme conseguíamos rasgar o cobertor tecnológico. Começavam a surgir fortes relações entre os sentimentos e emoções dos diversos filmes com os de Laura, porém as interpretações ainda ficavam esvaziadas. Gradualmente percebi que era necessário elaborar as emoções que compartilhávamos no *setting* analítico antes de partir para interpretações. A partir daí, passávamos sessões inteiras só descrevendo e compartilhando narrativas de filmes e jogos.

Pouco a pouco, Laura começava a oscilar entre uma predominância na posição autista-contígua para uma depressiva. Segundo Ogden (1994/2019), é necessário que a posição depressiva adquira uma certa predominância na matriz transferencial-contratransferencial para que o indivíduo analisado possa captar as interpretações do processo psicanalítico. Nas palavras dele:

Nenhum dos três modos /autista-contíguo, esquizoparanoide e depressivo existe isoladamente do outro: cada um cria, preserva e nega os outros dialeticamente. Cada modo gera um estado experiencial característico por sua própria forma distinta de ansiedade, tipos de defesa, grau de subjetividade, forma de relacionamento com o objeto, tipo de internalização /.... (OGDEN, 1994/2019, p. 139).

Para este tempo de transição do paciente entre as posições da matriz transferencial-contratransferencial, é necessário um tempo de espera e um analista paciente. A espera e a paciência nos são de fato essenciais no processo

psicanalítico. A descrição e a interpretação percorrerem o mesmo caminho de predominância das posições da matriz, isto é, devem estar em sincronia com as posições autista-contígua e depressiva, respectivamente.

Assim, cumpre pensar em novos desenvolvimentos envolvendo a questão da atitude e comportamento da sociedade contemporânea. Observamos comumente uma sintomatologia que se intensifica em múltiplos segmentos sociais da humanidade que denomino *autismo induzido*. É notória a atitude autista em grande parte da população atualmente, devido ao avanço tecnológico que estimula as pessoas a viverem solitárias e encapsuladas em seus mundos virtuais. A busca de um isolamento na era atual cresce assustadoramente de forma visivelmente invisível. Mas esse é um novo caminho a percorrer.

Sob o olhar de Thomas Ogden, a atitude humana é um dos fatores mais essenciais no processo psicanalítico. No mundo de hoje, ser humano é uma das maiores dificuldades para todos nós. Cada vez mais somos envolvidos num processo de encapsulamento em nós mesmos. Cada um vai construindo e se instalando em seu próprio cobertor tecnológico! – como vimos no decorrer deste artigo no processo de encapsulamento de Laura.

Tramitação

Recebido 07/01/2025

Aprovado 13/02/2025

Referências

AVNER, B. *Bion and Meltzer's Expeditions into unmapped mental life*. New York: Routledge, 2019.

BERGMAN, I. (Diretor). *O sétimo selo*. Produção: Allan Ekelund. Distribuição: Svensk Filmindustri, 1957. On-line. (1h36min).

COELHO JUNIOR, N. (2012). Tradição e inovação: o estilo de Thomas Ogden. In: RIBEIRO, M. F. R. *Por que Ogden?* São Paulo: Zagadoni, 2023.

GAIMAN, N. *The Sandman*: volume II, Endless Nights. Canadá: DC Comics, 2019.

GREEN, A. (1974). O analista, a simbolização e a ausência no enquadre analítico. In:

GREEN, A. *A loucura privada*. São Paulo: Escuta, 2017.

HITCHCOCK, A. (Diretor). *Janela indiscreta*. Produção: Patron. Distribuição: Paramount. Estados Unidos, 1954. On-line. (1h52min).

_____. (Diretor). *Psicose*. Produção: Shamley. Distribuição: Paramount. Estados Unidos, 1960. On-line. (1h49min).

JOON-HO, B. (Diretor). *Parasita*. Produção: Barunson E&A Corp. Distribuição: Alpha filmes. Coreia do Sul, 2019. On-line. (2h12min).

KUBRICK, S. (Diretor). *O iluminado*. Produção: Peregrine Productions Producers Circle. Distribuição: Warner Bros. Estados Unidos, 1980. On-line. (2h26min).

MOSTOW, J. (Diretor). *Os substitutos*. Produção: Touchstone pictures e outros. Distribuição: Walt Disney; Motion Pictures. Estados Unidos, 2009. On-line. (1h29min).

OGDEN, T. H. (1994). *Subjects of analysis*. New York: Routledge, 2019.

_____. (1995). *Rêverie e interpretação*. São Paulo: Escuta, 2013.

_____. How I talk with my patients. In: OGDEN, T. H. *Coming to life in the consulting room*. London and New York: Routledge, 2022. p. 57-71.

_____. Rediscovering psychoanalysis. In: OGDEN, T. H. *Rediscovering psychoanalysis*. New York: Routledge, 2009. p. 1-13.

_____. Truth and Psychic change. In: OGDEN, T. H. *Reclaiming Unlived Life*, New York: Routledge, 2016.

SCOTT, T. (Diretor). *Fome de viver*. Produção e distribuição: Metro-Goldwyn-Mayer. Inglaterra, 1983. On-line. (1h37min).